

# AMANHECER NA PRINCESA DO SERTÃO

Dee Silva Mercês<sup>1</sup>

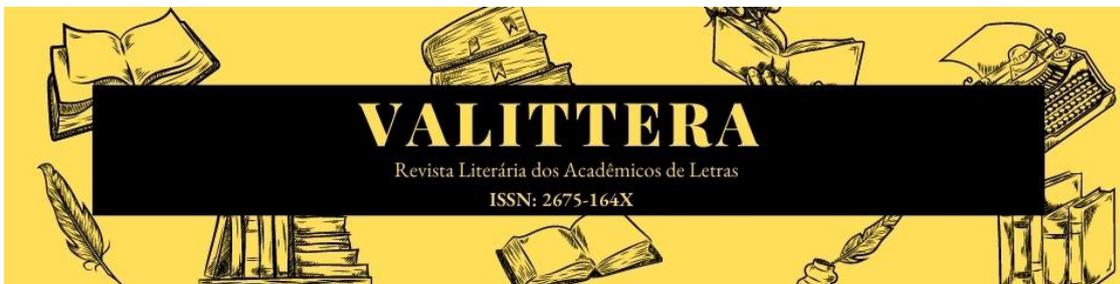
Segunda-feira, madruguei com as imagens de domingo à noite ainda frescas na minha cabeça. Ver, na TV, o pantanal pegando fogo, as milhares de árvores sendo destruídas pelas chamas e as dezenas de centenas de animais mortos e feridos, foi como apreciar um quadro plasmado em cenas de horror e autodestruição. Naquele dia, não conseguia me lembrar de quando tinha sido a última vez que uma matéria no Fantástico havia mexido tanto comigo, apesar das inúmeras desgraças noticiadas semanalmente.

Angustiado, levantei-me, fui até a cozinha, passei um café bem forte e, na tentativa de esquecer tanta dor e sofrimento, busquei sentir outras sensações no sol, que pontualmente insinuava-se ao mundo. Descortinei e abri a janela da sala. Quando olhei para o céu, vi, atrás dos quatro coqueiros, que embelezam a paisagem, o azul da meia-noite cedendo lugar a outra cor. À medida que os minutos iam passando, foi surgindo um alaranjado tão alaranjado que, de tão agoniado que eu ainda estava, por um instante, imaginei que por aqui estivesse acontecendo o mesmo que no Mato Grosso; que lá no horizonte diante dos meus olhos, o fogo estaria consumindo a minha esperança de viver na Princesa do Sertão, e que o alaranjado de suas labaredas subira tanto que chegara ao céu.

Preocupado, corri para averiguar a umidade relativa do ar, o Google me disse que estava boa; apurei o olfato e não senti nenhum cheiro estranho; ao longe, um galo cantou, e,

---

<sup>1</sup> Estudante de Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Bolsista de Iniciação Científica pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC - UEFS). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Orais - UEFS e líder do Movimento Poético Virtual Geração de 20. [deesmerces@gmail.com](mailto:deesmerces@gmail.com)



como poetizou o João Cabral de Melo Neto: "Um galo sozinho não tece uma manhã. Ele sempre precisará de outros galos." Certamente outros apanharam o canto daquele que ouvi juntamente com os passarinhos que cumpriam, tranquilamente, a tarefa matinal de me despertarem e me alegrarem para mais um dia da minha jornada. Não tinha fogo, nem árvores destruídas nem animais mortos pelas chamas, não tinha dor nem sofrimento, era apenas o dia amanhecendo. Aliviado, porém igualmente triste, levei a xícara à boca, o café estava uma delícia.

Feira de Santana - BA, 15 de setembro de 2020.